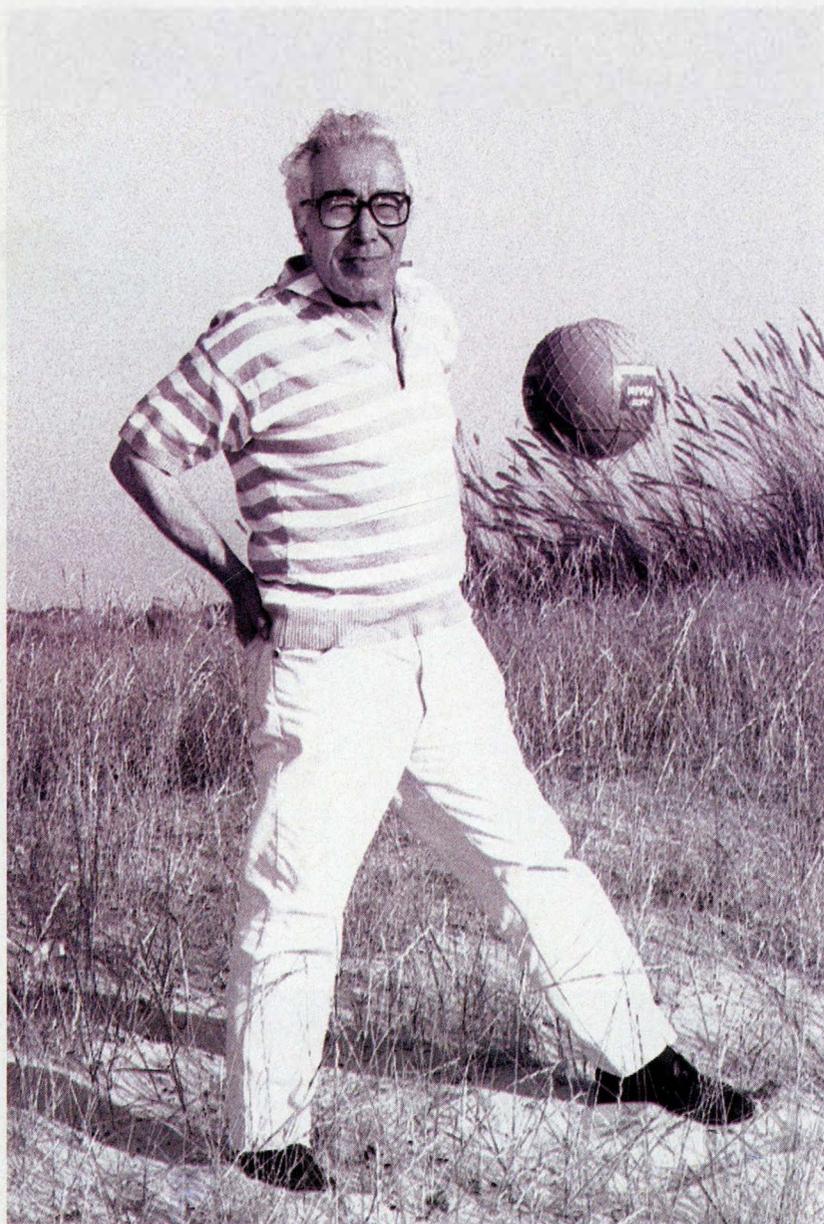


[H O M E N A G E M]

JOSÉ CARDOSO PIRES

“Pai, está ali o senhor escritor”



José Cardoso Pires em Tróia, Verão de 1994

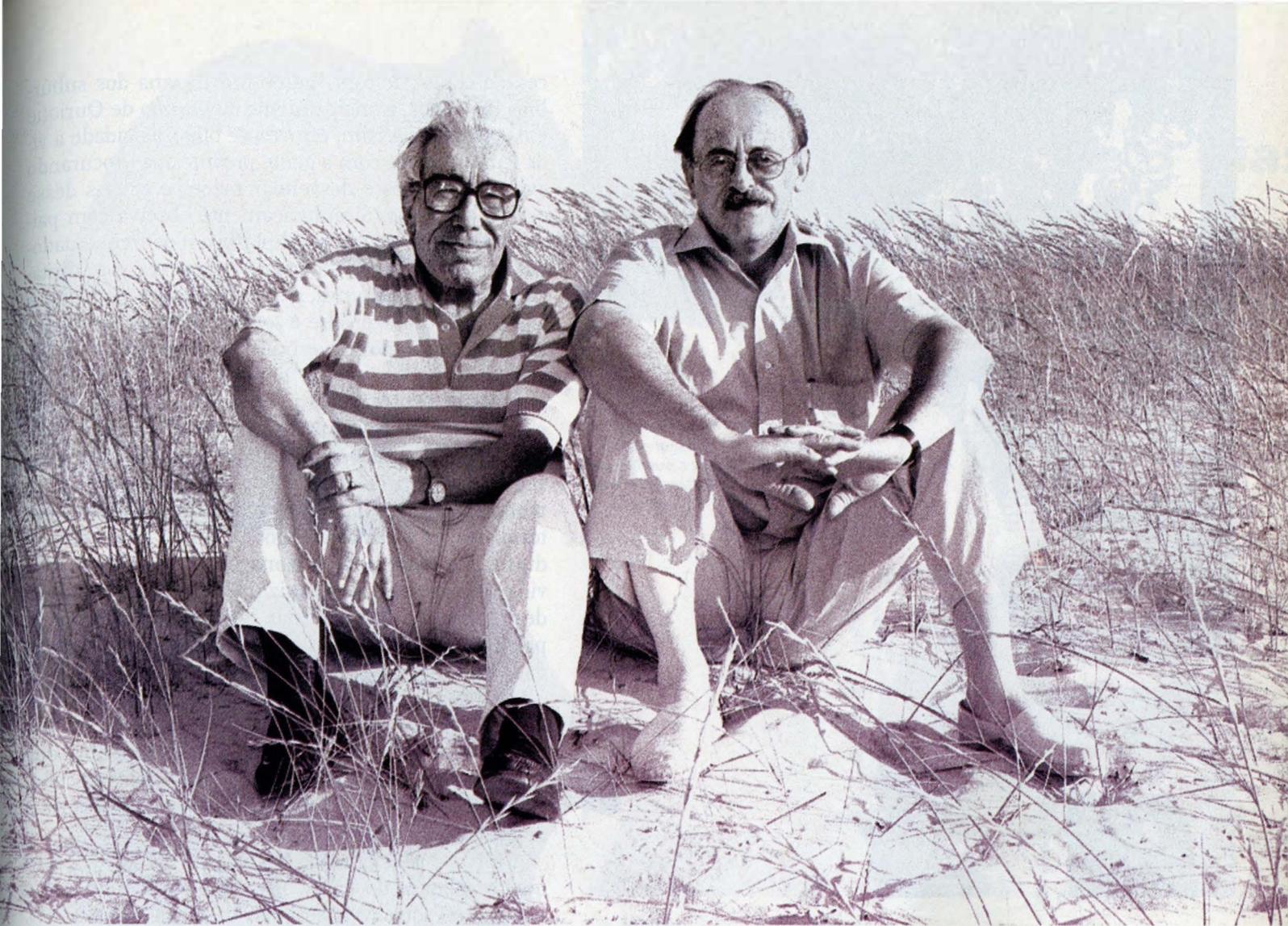
Com a morte de José Cardoso Pires não desapareceu só um grande ficcionista. Desapareceu também um defensor ímpar da língua portuguesa. Manejando-a como poucos e defendendo-a como ninguém, o seu estilo pessoalíssimo e cativante fez-se notar desde os primeiros textos que publicou.

**Texto de Liberto Cruz
Fotografias de Raúl Cruz**

Segundo Luiz Pacheco “Cardoso Pires estreou-se nas letras ainda nos tempos do Liceu Camões, com um trecho por ele mesmo ilustrado: A Aventura do Mosquito Zigue - Zague, isto num jornalzinho infantil de duração relampejante, O Pinguim. O contarelo revelava imaginação, facilidade na escrita ...”

Quanto à imaginação, Luiz Pacheco acertou em cheio. As personagens e tipos que criou ou descreveu ao longo de mais de cinquenta anos de escrita são disso uma prova irrefutável.

Aos vinte anos de idade (estamos em 1945) é crítico literário da revista Afinidades onde, entre outros livros, analisa Vila Branca, de Garibaldi de Andrade



e Monsanto, Terra de Sonho, de Antunes de Paiva.

Um ano depois publica o primeiro conto, Salão de Vintém, numa antologia de jovens escritores: Bloco, logo apreendida pela censura. Reage ao neo-realismo de extracção populista e, no Café Chiado, dirigindo-se a Alves Redol, com a ousadia por vezes rude que viria a caracterizá-lo, diz-lhe sem rodeios que a sua obra tinha “um papel negativo na literatura portuguesa”.

Cardoso Pires pretendia “uma arte despida de demagogia e de sentido romântico” e que não tivesse sempre “a lágrima ao canto do olho”.

Entretanto, estuda Matemáticas Superiores na Faculdade de Ciências de Lisboa enquanto vai exercendo vários ofícios de acaso. Abandona a Faculdade e alista-se na Marinha Mercante como praticante de piloto sem curso, tendo viajado num cargueiro e num paquete da carreira africana, o Sofala, que transportava tropas para Timor.

Durante a viagem passam-se alguns episódios extraordinários que, infelizmente, “o jovem piloto” nunca chegou a relatar. A subserviência, a intriga, a inveja e a intolerância reinantes afligem e impressionam o nóvel marinheiro.

Há anos disse-me, numa entrevista, que desde muito novo “tinha decidido ser um escritor a sério. Daqueles que vinham nas revistas estrangeiras e que, depois de variadíssimos contactos com as coisas e com as gentes do dia-a-dia começavam então a escrever. Eu queria ser um profissional, um escritor a tempo inteiro. Afinal vim a verificar que aqueles escrito-

res só existiam nas tais revistas estrangeiras”.

E cabe aqui dizer quanto, entre nós, José Cardoso Pires foi efectivamente um escritor diferente. A sua postura de intelectual sem rodriguiños e de cidadão atento sem exibicionismos, fazem dele uma personagem singular.

Arranja um trabalho à noite no Aeroporto, e entre outras profissões é agente de vendas, apontador de cais, correspondente de inglês, intérprete de uma companhia de aviação e redactor e chefe de redacção da revista Eva.

Funda, com Victor Palla, a colecção Os Livros das Três Abelhas, onde são editados, pela primeira vez entre nós, autores como Vittorini, Arthur Miller e Horace Mc Coy.

Ainda com Victor Palla cria as Edições Fólio onde será publicada o D. Quixote em tradução de Aquilino Ribeiro.

José Cardoso Pires e António Tabucchi, ambos júris do Festival Internacional de Cinema de Tróia, 1994

José Cardoso Pires levou com ele um prémio óbvio, invisível e silencioso: o Prémio Nobre das Letras de Língua Portuguesa



José Cardoso Pires, num jantar com António Tabucchi (de costas). Setúbal, 1994

nomes como Beckett, Maiakowski e Faulkner.

Em 1960 dirige a revista *Almanaque* que tanto furor viria a provocar pela beleza dos volumes e o arrojo dos artigos. Em 1961 é membro da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e em 1962 vice-presidente da Delegação Portuguesa de Comunità Europea degli Scrittori.

A convite da Universidade de Londres é Lecturer no King's College de 1969 a 1971.

Com uma invulgar bagagem humana, pela vivência que foi experimentando ao longo da vida, pelos contactos que estabeleceu e pelo interesse sempre renovado pelo outro, Cardoso Pires foi buscar à vida a sua literatura. Amante da noite, companheiro da aventura e espectador interveniente, tanto o mundo dos desocupados como o dos ocupados lhe mereceram igual pertinência e reflexão.

Nascido na província (Peso, 2 de Outubro de 1925), mas desde sempre homem da cidade, começa muito

Em 1957 organiza a colecção Teatro de Vanguarda onde surgem

cedo a contactar com “gente provinciana dos subúrbios de Lisboa, principalmente de Campo de Ourique e de Arroios”. Assim, em vez de olhar da cidade a vida rural, convive com a gente provinciana procurando avaliar situações e desvendar razões e causas desse estado de coisas. Simultaneamente observa com paixão e frieza os marginais de Lisboa e os frequentadores de bares. Tão exacta e real é, por vezes, essa captação de frases, costumes, gestos, tiques e raciocínios e tão grande o prazer que o texto nos proporciona que somos atraídos por tão estranhos heróis. Não nos deixemos, contudo, enganar por este subterfúgio do ficcionista. A realidade portuguesa, com a sua tacanhez e espírito obsoleto, perpassa com acutilância nas páginas de José Cardoso Pires. Vemos assim desfilarem a insegurança do futuro, a ridícula disciplina militar o medo da coisa política, o respeito quase animal às autoridades, os vetustos códigos de honra e de moral, a dureza e a tristeza de personagens aviltadas por uma vida mesquinha e sem horizontes, a falta de cultura e de informação das camadas populares, a resignação perante as regras impostas pelo governo e a impunidade dos dirigentes.

Histórias com endereço preciso, a obra de José Cardoso Pires constitui um documento justo e válido duma época fantástica e fantasmagórica. Uma obra que marca a nossa literatura deste século pela clarividência do fenómeno português e pela linguagem certa e depurada com que é relatada.

A força, a sensibilidade, a coragem e a lucidez com que a realidade do País é absorvida e transmitida são normas inesquecíveis e dignas de realce. No entanto, em vez de fazer literatura do dia-a-dia, José Cardoso Pires utiliza o quotidiano sem jamais o abastardar nem cair na literatice. A sua preocupação primeira é observar e narrar a atmosfera onde as personagens se movem. O leitor, tendo nas mãos as regras do jogo, facilmente compreende o porquê das personagens e da sua maneira de agir.

Em começos dos anos setenta Cardoso Pires costumava, durante o Verão, ir escrever para o Hotel da piscina da Praia Grande. Por essa época, tinha eu alugado uma vivenda em Colares onde passava as férias. Ao fim da tarde, Cardoso Pires aparecia às vezes para beber um whisky e conversar um pouco. Em geral, era o meu filho Raúl, que andava pelos 4 ou 5 anos, quem anunciava: “Pai, está ali o senhor escritor”.

Lançava a frase como se dissesse “está ali o senhor Lourenço ou o senhor Ferreira”. Cardoso Pires sorria e entrava. Tinha sempre algo para contar. Histórias ouvidas ou inventadas ou onde ele próprio era o protagonista. Contava com humor e encanto numa linguagem vernácula e cáustica. Histórias de quem ama a vida.

Morreu o senhor escritor, mas morreu como um senhor escritor. Levou com ele um prémio raro, dado pelos leitores e por muitos dos seus confrades, sem que ele o soubesse, sem que um júri tivesse reunido nem que alguém o tivesse dito ou sussurrado e sem que os jornais e as televisões o tivessem anunciado. José Cardoso Pires levou com ele um prémio óbvio, invisível e silencioso: o Prémio Nobre das Letras de Língua Portuguesa. ■

Histórias com endereço preciso, a obra de José Cardoso Pires constitui um documento justo e válido duma época fantástica e fantasmagórica